

Cinquenta anos depois da morte, Pessoa está mais vivo

Alberto Caeiro
Alvaro de Campos
Ricardo Reis
Bernardo Soares
Fernando Pessoa

E da dispersão nasceram vozes... - a heteronímia pessoana

Por ANA PAULA COUTINHO e GRAÇA MARIA CRUZ

«Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ansias que repudio (...). Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto para reflexões falsas uma única realidade que não está em nenhuma e está em todas.»

Personalidade repartida, Fernando Pessoa, perante a vida que o angustiava, tenta encontrar a resposta em vozes que ecoavam em si de uma forma intensa. Para ser ele próprio, multiplica-se num universo de escritas, expressando cada uma delas um olhar específico e um modo particular de estar no Mundo. Nasce assim os heterónimos, num dia de Março de 1914, segundo uma carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

Na criação heteronímica pessoana não se trata de um conjunto de meros pseudónimos. Estes ficam-se apenas pela menção imaginosa de um nome mais ou menos sonoro que pretende esconder uma só personalidade literária. As figuras criadas por Pessoa não são de forma alguma pseudónimos. São antes personalidades literárias que derivam do próprio acto da escrita. Neste caso, os poemas preexistem aos poetas.

Pessoa fala-nos, assim, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, personalidades com uma biografia própria e até mesmo um horóscopo. Há ainda o semi-heterónimo Bernardo Soares que por ser tão autobiográfico, não adquire a autonomia dos outros.

FERNANDO PESSOA E O TEXTO JORNALÍSTICO

(Continuado da pág. anterior)

Mas, como sempre, no desenvolvimento do texto, Pessoa, derivando, passa da dimensão literária ao questionamento da dimensão ética do jornalismo. E, comparando-o a um sacerdote religioso, conclui tratar-se, não de um sacerdote em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo, que serve o momento que passa, em o qual não cabe, nem pode caber moralidade. (14)

Restar-nos-ia agora a nós, leitores, interrogar-nos, paradoxalmente, sobre se haveria então, a não ser à maneira de uma fábula, moralidade nos textos jornalísticos de Pessoa. Parafraseando Barthes, veremos apenas neles, por ironia, a celebração da «moral da forma», que é essencialmente a «escrita», tal qual a definiu no Grau zero.

Campos, nesses dois textos, faz ao mesmo tempo o elogio e a crítica do jornalismo, traçando-lhe as ambições e os limites. Dentro da lógica da contradição complementar, a coexistência da verdade e da mentira, da sinceridade e do fingimento, aparece como a condição da linguagem jornalística, quer informativa quer de opinião: desde as «notícias desmentidas» aos «artigos políticos insincera-mente sinceros», é da «expressão» poética das «sensações» que se trata.

Intertextualmente, as relações entre o jornalismo e a literatura são por Pessoa tratadas num texto em que, dialogicamente, conversa com um jornalista. Assim se delineia a tese — de que é pressuposta a antítese — segundo a qual o jornalista — segundo a lógica mental da literatura —, pois «literatura é Com esta reserva (mental ainda): «como, porém, o seu fim não é vender ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeita-mente conforme os seus fins» (15)

Dir-se-ia que é uma alusão à sua breve passagem por «O Jornal», na época do Orpheu, até geracionalmente evocada.

«ORPHEU» REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA PORTUGAL E BRAZIL Propriedade de: ORPHEU, L.ª Editor: ANTONIO FERRO

Porque pensar é não compreender... Eu não tenho filosofia: tenho senti-mentos. Se falo na Natureza não é porque saiba [o que ela é, Mas porque a amo, e amo-a por isso. Porque quem ama nunca sabe o que [ama Nem sabe porque ama, nem o que é [amar.

Amar é a eterna inocência. E a única inocência é não pensar...

Ricardo Reis, o médico monárquico do Porto, com uma educação jesuíta e de formação clássica, apela a uma aceitação pacífica e serena da vida, isto é, do presente como sendo uma dívida dos deuses.

As suas odes são um constante incentivo à harmonia e tranquilidade greco-latinas.

«Vem sentar-te comigo, Lídia, a beira [do rio. Sossegadamente fitemos o seu curso [e aprendamos Que a vida passa, e não estamos de [mãos enlaçadas. (Enlacemos as mãos).

Desenlacemos as mãos, porque não [vale a pena cansarmo-nos. Quer gozemos, quer não gozemos, [passamos como o rio.»

Alvaro de Campos, o mais jovem de todos, o engenheiro naval, avido de experimentar todas as sensações, torna-se o poeta do escândalo, das vivências modernas e fortes, que, em versos desenfiados,

«Creio no Mundo como num malme-quer, Porque o vejo. Mas não penso nele

tanto exalta a civilização industrial da época como exprime a náusea da monotonia, do descontentamento e do cansaço:

«A dolorosa luz das grandes lâmpadas [eléctricas da fábrica Tenho febre e escrevo. Escrevo rangendo os dentes, fera para [a beleza disto. Para a beleza disto totalmente desco- [nhcida dos antigos.

«... Tenho os lábios secos, o grandes rui- [dos modernos. De vos ouvir demasiadamente de [porto. E arde-me a cabeça de vos querer [cantar com um excesso De expressão de todas as minhas sen- [sações. Com um excesso contemporâneo de [vós, ó máquinas!»

Como é que Fernando Pessoa, uma personalidade tão rica e ao mesmo tempo com sintomas de esquizofrenia, poderia concentrar-se numa só pessoa? Como não inventar outros homens e outras atitudes face ao Mundo? Só que todas estas vozes alternativas e dispersas concentram-se na sede do Absoluto como saída para o mundo do absurdo. Afinal, a busca da dispersão era uma forma de aceder à Totalidade...

«... eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas, Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

A obra de Pessoa no domínio público Cinquentenário provoca uma «explosão editorial»

Por JOSÉ GOMES BANDEIRA

É quase uma «explosão editorial» — por certo, um dos momentos altos na história da publicação do livro em Portugal — o que deverá assinalar a passagem dos 50 anos da morte de Fernando Pessoa e, simultaneamente, por força da legislação em vigor, a queda no domínio público dos direitos de edição da obra do genial poeta da «Mensagem».

De acordo com uma breve «ronda» feita junto de diversas casas editoras portuguesas, pode afirmar-se que neste momento, em diversos pontos do país, milhares e milhares de páginas estão a sair todos os dias das máquinas impressoras e das rotativas das nossas tipografias. Por outro lado, as reedições e as edições de inéditos com que actualmente se ocupam muitas das nossas editoras, há que acrescentar os estudos e os ensaios, as revistas e os jornais, as notícias e os catálogos, os folhetos e os convites em torno de um sem-número de iniciativas que já começaram a desenhar-se e que se compreende que este-

Coimbra a Oxford e Friburgo. E um pouco desse panorama, destacando a actividade editorial, que aqui registamos. Começando pelo Porto, cidade onde (na revista «A Águia») F. Pessoa se estreou como crítico literário.

• AJHLP (Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto) — edita e apresenta (hoje mesmo) o novo livro do prof. José Augusto Seabra, um dos nossos melhores pessoanos, «A Pátria de Pessoa e a Língua Portuguesa». A AJHLP inaugura também a sua primeira exposição internacional de arte postal, dedicada a Pessoa, com trabalhos (cerca de meio milhão) provenientes de todo o mundo e subordinada ao tema «O poeta é um fingidor». Outra edição da AJHLP será «A socialização da arte em Fernando Pessoa», de Fernando Alvaranga. De referir ainda que no salão desta mesma «Casa dos Jornalistas», do Porto, tem estado

mada ainda — disse-nos um responsável — a edição de diversos inéditos, para breve.

• CLÁSSICA EDITORA — vai editar poemas de heterónimos pessoanos (Alvaro de Campos e Alberto Caeiro) e também a «Mensagem». Para já, uma obra do poeta apresentada por L. Oliveira e Silva.

• EDITORIAL PRESENÇA — tendo acabado de editar «Fernando Pessoa e a filosofia hermética» (estudo de Yvette Centeno), a «Presença» lança em Dezembro uma antologia do poeta, prefaciada e organizada por Maria Alete Galvão, que inclui poemas inéditos.

• DINALIVRO — dentro de dias publicará «O Heterodoxo Pessoa», ensaio do prof. José Augusto Seabra.

• REGRA DO JOGO — na col. Ensaio sairá o livro de Yvette Centeno «Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação» (início do próximo ano). Na mesma col. sairá «Pessoa e Eça», de Beatriz Berrini.

• IMPRENSA NACIONAL — editará, nomeadamente: «Pessoa Mínima», de António Tabuchi; «Fernando Pessoa — Uma fotobiografia», de Maria José Lancastrre (reedição); «A poesia de Fernando Pessoa», obra de A. Casais Monteiro apresentada por José Blanco; «O essencial sobre Fernando Pessoa», de Maria José Lancastrre; «Homenagem a Fernando Pessoa», de José João Brito; «Fernando Rei da Nossa Baviera», de Eduardo Lourenço; «Uma conversa no Outono de 1935», ilustrações e um texto de A. Tabuchi.

• SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO (SITESE) — de Lisboa, também se junta às comemorações com o livro «Fernando Pessoa, empregado de escritório», de João Rui de Sousa, com lançamento de prestígio (no passado dia 27) no Café Marinho da Arcada.

• ÁTICA EDITORA — esta casa tão ligada ao poeta, patente um conjunto de obras do pintor Quim Bica sobre Fernando Pessoa.

• III CONGRESSO PESSOA — durante este congresso terão lugar duas sessões de lançamento dos livros (já citados) de A. Tabuchi e de Maria José Lancastrre.



Um panorama (necessariamente incompleto) da projecção da obra pessoana.

dear uma das maiores movimentações de índole cultural nas últimas décadas da nossa apagada e vil tristeza.

A morte de Fernando Pessoa estava ainda inédita a esmagadora maioria da sua vastíssima produção literária, significando agora o manancial de estudos e (re)edições a que vamos assis-

jam programadas dezenas de iniciativas — na rádio, nos jornais, na televisão, nas livrarias, nas associações, nas salas de concertos e de cinema, nas galerias de exposições, etc. — que irão atrair o interesse de milhares de pessoas, do Porto ao Rio de Janeiro, de Macau a Londres, de Lisboa a Paris e de

patente um conjunto de obras do pintor Quim Bica sobre Fernando Pessoa.

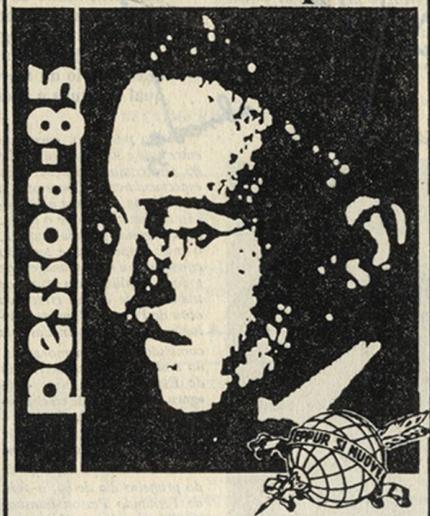
• ÁTICA EDITORA — esta casa tão ligada ao poeta, patente um conjunto de obras do pintor Quim Bica sobre Fernando Pessoa.

• III CONGRESSO PESSOA — durante este congresso terão lugar duas sessões de lançamento dos livros (já citados) de A. Tabuchi e de Maria José Lancastrre.



«Orpheu e a cultura oficial», num desenho de Almada.

Pessoa na arte postal



«O poeta é um fingidor» — a frase é conhecida, e mais conhecida é agora, que 187 artistas de vários cantos e recantos do Mundo que já não é «redondo» a descobrimos de um modo original. São os participantes na exposição organizada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Uma exposição de arte postal, precisamente subordinada ao título que o verso pessoano lhe emprestou. Os números, mas também a qualidade e originalidade das participações, dizem tratar-se de um sucesso, e a bem dizer um sucesso duplo: uma forma de evocar Pessoa sem excessivos dispêndios, uma chamada de atenção para a arte postal, que muitos desconhecem, e que definiu um significativo campo de acção a partir da década de 60. Não são só, ou apenas, postais, aquilo que de muitos lugares chegou à AJHLP. Objectos diversos, desde que transportáveis pelo correio, tais como poemas, fotografias, colagens, montagens, etc. A coordenação geral desta exposição foi de Abílio José Santos que juntamente com os vários convites que fez mandou traduções de poemas de Fernando Pessoa. As respostas não se fizeram esperar. A exposição abre hoje, às 11 horas da manhã, na sede da associação, Rua de Rodrigues Sampaio. Bom proveito.

MENSAGEM

Pessoa na ficção da pintura - aspectos de uma iconografia

Por EDUARDO PAZ BARROSO

Fernando Pessoa, poeta dividido e disseminado por várias razões de ser e outros tantos modos de existir, cedo se tornou uma presença excepcional na produção plástica portuguesa.

Relação e comunhão de imaginários inerentes à literatura e à pintura que havia também de inspirar uma iconografia que se quis e desejou acesso a uma reminiscência, o sonho trocado imagens, a vida substituída por ideias, multiplicidades abraçadas sobre a efígie de um Poeta sem vontade para tutelar as suas partes constituintes. Almada, protagonista do abalo «sismico» que a revista «Orpheu» proporciona a um tempo português introvertido por comodidade e delicado por apatia de costumes culturais, dá um «pontapé de saída», no melhor estilo, e de genica certeza. Hoje o quadro é célebre, o «Retrato de Fernando Pessoa» que pertenceu ao restaurante «Irmãos Unidos» até ao dia em que aquele estabelecimento lisboeta fechou as suas portas. Vendido em leilão por mil e trezentos contos, foi, então, a obra de arte de um pintor vivo

vendida em Portugal por um preço mais elevado. Elevação de mercado mesmo assim muito aquém da «elevação espiritual» que o quadro de Almada Negreiros trazia em si: imagem a corpo inteiro de um Pessoa completo e de objectos/signos satélites (a caneta, a chávena de café, a folha de papel, a mesa, o n.º 2 de Orpheu) que hoje possuem uma infinita força emblemática. Este e outros emblemas vão ser, muito depois, remexidos até às entranhas por outro artista — Costa Pinheiro — que os explorará em êxtase poético como inter-relação com o seu visionário gesto

• Almada: «Um superior entendimento» E Almada vê-se impellido a pintar uma cópia do «Retrato de Fernando Pessoa» (onde só um pormenor difere do primitivo, a localização do exemplar de Orpheu na mesa a que Pessoa está sentado) da solicitação da Fundação Gulbenkian. Não é este o lugar para discorrer mais livremente sobre as implicações da figura — Pessoa no vultu plástico em que ele se tornou para definir um raste muito seu na realidade plástica portuguesa. Interessa mesmo assim anotar uma compreensão que só Almada Negreiros podia ter do poeta e daquilo que poeticamente havia de ser a presença (mais uma) de Fernando Pessoa num quadro que não era coisa sua, mas que ele ocupou por talentos de entendimento sem paralelo.



Xilografia de Manuel Cabanas.

Qu seja (mesmo sem falar de outras «aparções», de Pessoa na obra de Almada), as várias produções plásticas dedicadas a Fernando Pessoa são leituras, entendimentos, aparições, tentativas de reter a representação de um mundo literariamente inesgotável. Isto acontece ainda com o já citado Costa Pinheiro e com um outro artista — Mário Botas — prematuramente removido pelos deuses do nosso convívio de mortais.

Num texto publicado no dia 6 de Dezembro de 1935 no «Diário de Lisboa», Almada escrevia assim:

«Não conheci exemplo igual ao de Fernando Pessoa: o do homem substituído pelo poeta! Esta sobreposição do poeta ao homem, outro que não Fernando Pessoa poderia tê-la feito mal. Mas ele tinha posto efectivamente toda a sua vida na poesia; ele é exactamente o poeta dos seus versos. A esta cedência do homem ao poeta, chamem-lhe renúncia, convento, mortifera, clausura, segredo de resistir, chamem-lhe o que quiser, mas Fernando Pessoa fez-o bem, com inteligência, com altura e com as suas próprias poses».

• Costa Pinheiro: «Os objectos imaginários» «O mar é para Fernando Pessoa o espaço físico da sua imaginação». Esta afirmação de Costa Pinheiro, que é também título de um quadro da exposição surpreendente que o pintor fez em 1981, exemplifica uma outra «etapa» da assunção pessoana na pintura portuguesa. Esta elevação traz o panorama plástico um novo povoamento de ícones, uma procura

do autor encoberto; no caso de Costa Pinheiro eles são de tal modo elaborados que, em certos releituras de Pessoa, se re-presentam à memória e se podem cruzar com a lembrança da primitiva leitura dos textos. Este espaço plástico que Costa Pinheiro inventa a partir de uma motivação muito pessoal que José Augusto França, por exemplo, assinala nestes termos:

«Toda a maresia dos dias ficou boiando nos olhos que são a realidade única do poeta senão necessário por suficiência mágica do próprio existir».

E o entendimento de toda a ocultação desocultação que marca a obra do escritor.

Pinturas, desenhos, gravuras, encaixação de um espaço poético, Fernando Pessoa que adquire estatuto físico e palpável, janelas que mostram para dentro do pintor as coisas — sensações — objectivos que «Pessoa & Companhia, Heteronímia» (designação feliz de Jorge de Sena) deixou para nós vivermos.

• Mário Botas: «Uma evocação»

Muito breves tem sido estes apontamentos, informativos como se querem, na articulação de três evocados (dos melhores) esteticamente diferentes. E agora a vez de Mário Botas, «um pintor romântico cuja pintura não era uma pintura romântica». (Nasceu em 1952 e morreu em 1983, uma vida que foi curta e nisso teve também o seu que de romântico; o artista teria possivelmente, mercêdo, sem querer especular, a simpatia de Alberto Caeiro — como se sabe um dos heterónimos de Fernando Pessoa).

As suas pinturas/desenhos, quase sempre de pequenas dimensões, podiam confundir os menos avisados por parecerem ilustrações. Porém, o território que estruturavam era o de um «quadro». E nele a realidade «miragem» que Pessoa parecia ser para Mário Botas se enraizou com o requinte de traço e a subtilidade de coloração que tornam qualquer trabalho deste artista inconfundível.

«Estou hoje fúcido como se não existisse. Meu pensamento é em claro como um esqueleto, sem os traços carnis da ilusão de exprimir».

De algum modo, todas estas maneiras de assumir Fernando Pessoa nos devolvem a perplexidade de uma afirmação do semi-heterónimo Bernardo Soares, o autor do «Livro do desassossego»:

«Estou hoje fúcido como se não existisse. Meu pensamento é em claro como um esqueleto, sem os traços carnis da ilusão de exprimir».

Rostos transfigurados, esqueletos maquiados, traços sem carne, estas representações de Pessoa são imagens que perduram na ficção da Pintura.